

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GABRIELLY LEMOS DA FONSECA

**Entre Ação e Reflexão: percursos formativos de um estágio à luz da Educação
Ambiental Crítica**

UBERLÂNDIA
2025

GABRIELLY LEMOS DA FONSECA

**Entre Ação e Reflexão: percursos formativos de um estágio à luz da Educação
Ambiental Crítica**

-

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Francielle Amâncio
Pereira

UBERLÂNDIA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jesus e ao nosso Pai celestial por me fortalecerem e sustentarem até aqui.

À minha mãe, que hoje está com Cristo, mas esteve ao meu lado, sendo sempre meu apoio durante toda a vida e no meu período de estudo para ingresso na faculdade.

Ao meu pai e irmão que me incentivam e são meu suporte, ao meu noivo que está ao meu lado me ouvindo e impulsionando todos os dias.

Agradeço também à minha orientadora que esteve me auxiliando durante todo esse processo de escrita.

RESUMO

O presente trabalho objetiva narrar e analisar as vivências da pesquisadora durante seu estágio curricular não obrigatório em uma empresa do ramo alimentício, buscando compreender como as práticas ali desenvolvidas dialogam com os pressupostos da educação ambiental e quais sentidos emergem dessa experiência formativa à luz de uma perspectiva reflexiva e transformadora. O estudo é de natureza qualitativa e fundamenta-se na pesquisa narrativa autobiográfica. Os dados foram produzidos por meio de registros reflexivos em diário de campo e complementados por reflexões posteriores, sendo submetidos à análise temática crítica. As vivências possibilitaram identificar práticas de educação ambiental implementadas no ambiente corporativo, como a gestão de resíduos, a reutilização de água, os treinamentos voltados a colaboradores e as ações externas em escolas. Apesar do caráter educativo dessas iniciativas, os resultados revelaram contradições entre o discurso institucional e as práticas adotadas, evidenciando que grande parte dessas ações é direcionada à manutenção da imagem empresarial e não à transformação efetiva dos processos de produção e consumo. A experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma leitura crítica acerca das limitações da sustentabilidade empresarial e reforçou a compreensão da educação ambiental como processo que deve integrar dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. Conclui-se que o estágio foi significativo para a formação acadêmica e profissional da autora, ao estimular reflexões sobre os desafios da prática educativa crítica em contextos corporativos e sobre a necessidade de abordagens que promovam mudanças estruturais na relação sociedade-natureza.

Palavras-chave: Educação ambiental crítica; Estágio curricular; Sustentabilidade empresarial; Formação docente.

ABSTRACT

This study aims to narrate and analyze the researcher's experiences during a non-mandatory curricular internship in a food industry company, seeking to understand how the practices developed their dialogue with the assumptions of environmental education and what meanings emerge from this formative experience in light of a reflective and transformative perspective. The research is qualitative in nature and is based on autobiographical narrative inquiry. Data were produced through reflective records in a field diary and complemented by subsequent reflections, being subjected to critical thematic analysis. The experiences made it possible to identify environmental education practices implemented in the corporate environment, such as waste management, water reuse, employee training, and external actions in schools. Despite the educational nature of these initiatives, the results revealed contradictions between the institutional discourse and the practices adopted, showing that much of these actions are aimed at maintaining the corporate image rather than effectively transforming production and consumption processes. The internship contributed to the development of a critical understanding of the limitations of corporate sustainability and reinforced the conception of environmental education as a process that should integrate social, cultural, political, and economic dimensions. It is concluded that the internship was significant for the author's academic and professional training, as it stimulated reflections on the challenges of critical educational practice in corporate contexts and on the need for approaches that promote structural changes in the society-nature relationship.

Keywords: Critical environmental education; Curricular internship; Corporate sustainability; Teacher education.

SUMÁRIO

APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O TEMA	1
1 INTRODUÇÃO.	2
2 METODOLOGIA.....	8
A - Caracterização da pesquisa.....	8
B - Contexto e Sujeito Investigador	8
C - Construção e Registro dos Dados	9
D - Procedimentos de Análise	9
E - Considerações Éticas	10
3 DESENVOLVIMENTO.....	10
A . Início e adaptação no estágio	10
B. Práticas de EA vivenciadas	12
C. Contradições e limites da EA corporativa	15
D. Emergência do pensamento crítico	16
E. Impactos da experiência formativa	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tripé da Sustentabilidade.....	12
Figura 2 - Uso da água no Brasil.....	15

APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O TEMA

Minha aproximação com a Educação Ambiental começou de forma marcante, a partir de acontecimentos que me despertaram para a urgência de cuidar do planeta. Há alguns anos, quando grandes queimadas na Amazônia ganharam repercussão em todo o país, senti-me profundamente impactada. Aquela realidade me comoveu e acendeu em mim o desejo de contribuir, de alguma maneira, para a preservação do meio ambiente. Foi nesse momento que percebi que meu caminho profissional poderia estar ligado à natureza e à sua proteção.

Movida por esse interesse, comecei a buscar informações e possibilidades de atuação. Pensei, inicialmente, em cursar Gestão Ambiental, mas, ao refletir sobre meu gosto por compreender a vida em seus diversos níveis, optei por ingressar em Biologia. Sempre tive grande preocupação com a forma como os animais e os ecossistemas são tratados, e a graduação se mostrou um espaço fértil para aprofundar esses questionamentos e para ampliar minha compreensão sobre os processos naturais e as relações entre sociedade e ambiente.

Durante a graduação na Universidade Federal de Uberlândia, tive contato com diferentes perspectivas sobre a Educação Ambiental. Descobri que ela vai muito além de ações pontuais: envolve a formação de consciência crítica, a integração de saberes e a construção de práticas sustentáveis no cotidiano.

Um passo importante nesse percurso foi a oportunidade de realizar estágio no setor ambiental de uma empresa. Essa vivência me permitiu conhecer de perto como a Educação Ambiental pode ser aplicada em contextos institucionais, ao mesmo tempo em que me levou a refletir sobre seus desafios e sobre como ela realmente deveria ocorrer. Pude perceber que, mais do que cumprir normas, é necessário promover diálogos, sensibilizar pessoas e inspirar mudanças de comportamento.

Hoje, ao desenvolver este trabalho, enxergo minha trajetória como um processo contínuo de aprendizado e engajamento. Cada experiência, desde o impacto das queimadas até o estágio na área ambiental, contribuiu para aprimorar o meu conhecimento a respeito da Educação Ambiental.

1 INTRODUÇÃO.

Desde o início da civilização, os seres humanos interagem com a natureza para garantir sua sobrevivência. Entretanto, com o passar dos anos essa relação harmoniosa passou a se tornar exploratória. Segundo Habib (2013, p.1):

A nossa relação com a natureza está se tornando cada vez mais antiética e suicida, pois consumimos recursos naturais sempre a uma velocidade devastadora e muito superior à capacidade de recuperação da natureza, para que ela reponha os mesmos recursos. (Habib, 2013, p.1)

Essa relação destrutiva se materializa no desmatamento para fins agrícolas, queimadas criminosas, a caça por esporte, a poluição de rios, oceanos e fontes de água, a exploração sem limites de matérias-primas, o consumismo desenfreado, que parecem ser, atualmente, uma normalidade. Entretanto, as consequências desses atos estão se agravando em níveis preocupantes e afetando não somente a humanidade, mas toda a biosfera.

Nos últimos 50 anos, o planeta perdeu mais de 60% da sua biodiversidade (World Wide Fund For Nature, 2024). A temperatura média global aumentou cerca de 1,2°C desde a Revolução Industrial (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), 2024). Esses números são apenas alguns dos sinais alarmantes da crise ambiental que enfrentamos atualmente. Incêndios florestais devastadores, ondas de calor recordes, secas prolongadas e derretimento acelerado das calotas polares. Fenômenos esses, antes considerados isolados, tornaram-se cada vez mais comuns e evidenciam a seriedade do que enfrentamos em nosso planeta.

Diante desse cenário, uma preocupação global a respeito desse tema iniciou-se, em junho de 1972, quando foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, primeira reunião mundial dedicada exclusivamente às questões ambientais. Por meio desta, resultou-se a Declaração de Estocolmo em que alguns princípios foram estabelecidos, dentre eles a preservação dos recursos naturais da Terra para futuras gerações, empregando-se deles de forma que evite seu esgotamento (BRASIL, 1972). É possível observar-se a partir daqui o começo de uma educação ambiental (EA) universal.

Em 1977 em Tbilisi, ocorreu a primeira conferência intergovernamental do mundo sobre EA, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(UNESCO). Nesta, por unanimidade, foi pontuada a importância da educação ambiental na preservação e melhoria do meio ambiente mundial, assim como no desenvolvimento saudável e equilibrado das comunidades do mundo (UNESCO, UNEP, 1977).

Posteriormente, ocorreu a Conferência Rio-92, também conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em Junho de 1992 no Rio de Janeiro, sendo outro importante marco histórico das discussões globais sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Neste evento, ficou estabelecido um plano de ação internacional, a Agenda 21, com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável, abordando questões ambientais, sociais e econômicas para o século XXI, incluindo a educação ambiental (ONU, 1992).

De acordo com a Agenda 21, a educação ambiental é fundamental para promover o desenvolvimento sustentável, melhorar a capacidade das pessoas de abordar questões ambientais e de desenvolvimento, alcançar a conscientização, os valores e os comportamentos ambientais e éticos compatíveis com o desenvolvimento sustentável e para a participação efetiva do público na tomada de decisões. Ainda seguindo o proposto por esse documento, para ser eficaz, a EA deve lidar com a dinâmica do ambiente físico/biológico e socioeconômico, deve ser integrada em todas as disciplinas e deve empregar métodos formais, não formais e meios eficazes de comunicação (ONU, 1992).

Nesse mesmo raciocínio, a UNESCO aponta a educação ambiental, por meio do programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), como a chave para desbloquear o progresso em todos os objetivos de desenvolvimento global. Além disso, ela ensina os indivíduos a tomarem decisões informadas e agir, tanto individual quanto coletivamente, para mudar a sociedade e proteger o planeta, e equipa pessoas de todas as idades com habilidades e valores para lidarem com questões como o uso excessivo de recursos e desigualdade (UNESCO, 2024).

Ainda nesse sentido, a Lei nº 9.795/1999 da Política Nacional de Educação Ambiental traz que a temática pode ser definida como um conjunto de processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999). Vê-se logo, que pela definição da mesma, documentos nacionais e internacionais colocam a educação ambiental como algo essencial e necessário para a vida no planeta, mas de que forma, esta, tem sido de fato implantada no Brasil e no mundo é o que deve ser observado.

Guimarães (2013) questiona se somente a educação, propriamente dita, é suficiente para resolver o problema. Para ele, é necessário que a educação ambiental não esteja apenas em ensinar as consequências dos atos humanos para com a natureza, mas também na atuação direta. Ele alega:

[...] Nesta visão, educando e educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais e nesse processo se transformam; portanto, o ensino é teoriaprática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas socioambientais, sendo a intervenção nesta realidade a promoção do ambiente educativo e o conteúdo do trabalho pedagógico (Guimarães, 2013, p. 17)

Assim, observamos que a EA já não se trata apenas de repassar informações e apresentar um manual de como devemos agir frente ao cenário ambiental atual e sim de gerar uma transformação nos valores e ideais dos indivíduos.

Essa visão é corroborada por Loureiro (2003), quando afirma que:

A Educação Ambiental não tem a finalidade de reproduzir e dar sentido universal a valores de grupos dominantes, impondo condutas, mas de estabelecer processos práticos e reflexivos que levem à consolidação de valores que possam ser entendidos e aceitos como favoráveis à sustentabilidade global, à justiça social e à preservação da vida (Loureiro, 2003, p. 46)

Ambos, Guimarães (2013) e Loureiro (2003) chegam a uma ideia comum e defendem que a educação ambiental deve ser algo prático e transformador. Nesse viés, tratar a EA como um conjunto de orientações que podem vir impressas em um folheto não seria a estratégia mais eficiente a seguir. Brügger (1993) segue nesse mesmo pensamento ao dizer que no contexto ambiental o que deveria se tornar um tema gerador de discussões se torna uma instrução meramente técnica que mais se assemelha a um “adestramento” do que se deve ou não fazer, ao invés de uma educação de fato.

Percebe-se logo, que existem diversas definições para o que seja, de fato, a educação ambiental. Enquanto a legislação apresenta uma compreensão específica, organizações internacionais oferecem outras interpretações, e diferentes autores, concordando ou não entre si, trazem perspectivas variadas sobre como abordar as questões ambientais.

Tais perspectivas contribuem para que exista uma pluralidade de ações e abordagens para a educação ambiental que se ajustam aos diferentes contextos culturais, sociais e políticos. Conforme Brügger (1993), a Educação Ambiental pode ser conduzida por distintas abordagens,

cada uma apoiada em pressupostos filosóficos e em práticas pedagógicas específicas. Nesse sentido, diversas tendências de aplicação da mesma surgiram e, segundo Lima (2005), “[...] elas podem variar entre tendências à conservação ou à transformação das relações sociais e das relações que a sociedade mantém com o seu ambiente.” (Lima, 2005, p.16).

Assim, observamos que a educação ambiental carrega direcionamentos e valores que influenciam diretamente a forma como a sociedade entende e se relaciona com as questões socioambientais. Logo, dependendo da tendência pedagógica adotada, os sujeitos imersos nesse processo serão levados a reproduzir determinados tipos de comportamentos, seja voltados à conservação e manutenção do método já implantado, seja voltados à reflexão crítica para assim ocorrer uma mudança nas relações sociais e ambientais.

Dessa forma, a EA pode tanto reforçar práticas de conformação à realidade quanto estimular a edificação de uma cidadania ativa e comprometida com os desafios enfrentados ecologicamente falando. Portanto, é fundamental identificar quais iniciativas de educação ambiental têm sido implantadas na nossa realidade e, por conseguinte, quais atitudes têm sido geradas.

Segundo Lima (2005), no Brasil uma das tendências iniciais que detém o maior destaque é a educação ambiental conservacionista, a qual, segundo o autor:

[...] Uma visão que constata a destruição da natureza, o desperdício e o esgotamento dos recursos naturais, o risco que essa ameaça representa para a continuidade da vida, mas não conecta profundamente esses efeitos com suas causas sociais ou com os modelos de organização econômico-político que estão em sua origem. Na maioria das vezes atribui os impactos ambientais a uma “ação antrópica” genérica e a um homem abstrato, distribuindo a responsabilidade pelos danos ambientais igualmente entre toda a espécie humana. (Lima, 2005, p.105).

Trata-se de uma visão que admite o cenário atual de destruição ambiental e a necessidade da ação. Entretanto, a EA conservacionista, associa essas ações de mudança ao indivíduo, não levando em consideração o sistema socioeconômico mundial e seu importante papel na esfera ambiental.

É possível identificar essa tendência conservacionista em práticas escolares comuns do dia a dia. Ao entrarmos em salas de aula, podemos encontrar abordagens sobre o ciclo da água, por exemplo, geralmente com o objetivo de destacar a importância desse recurso e incentivar sua preservação. Em feiras de ciências, observamos cartazes com frases de impacto, como “Salve o planeta”, na tentativa de sensibilizar o público para a necessidade de mudança de

atitude em relação ao meio ambiente. No entanto, apesar de bem-intencionadas, essas práticas limitam-se a um discurso ou a constituição de comportamentos individuais, ao “homem abstrato” (Lima, 2005, p.105).

Lima (2005), traz mais detalhes e afirma que:

Além da conscientização ecológica dos educandos, a educação conservacionista visa estimular a resolução técnica dos problemas ambientais locais através dos recursos científicos e tecnológicos disponíveis. Isso porque entende o saber científico como o único saber legítimo e como instrumento capaz e eficiente de controle e dominação da realidade natural e construída. (Lima, 2005, p.105).

Ou seja, segundo essa perspectiva, a resolução dos problemas ambientais seria justamente a causa dos mesmos, o avanço tecnológico que aumenta os níveis de produção e perpetua a destruição da natureza.

Ainda sobre as diferentes tendências de educação ambiental, Amaral (2003 citado por Bagnolo 2019), identificou 4 tipos: Adestramento ambiental, desenvolvimento sustentável, ecologismo radical e a crítica. Podemos definir o adestramento ambiental como uma tendência que foge das responsabilidades econômicas, sociais e políticas frente às questões ambientais, tentando de certa forma resolver o cenário de crise ambiental com base no desenvolvimento de uma postura diferente para com a natureza, postura essa que deve partir daqueles que recebem essa EA (Bagnolo, 2019), ignorando a mudança que deveria ocorrer no sistema em si e não apenas no indivíduo.

Agora, quando se trata da tendência de desenvolvimento sustentável, é possível ver o foco em ensinar que pode existir um balanceamento entre conservação do ambiente e desenvolvimento econômico, como se de certa forma não houvesse a necessidade de mudanças profundas que podem afetar a parte econômica, como diz Bagnolo (2019) “[...] uma certeza de que a ciência e a técnica trarão soluções para o problema ambiental.” (Bagnolo, 2019, p.3). Podemos entender que a confiança é colocada na tecnologia, conforme ela vai sendo aprimorada, logicamente, chegaremos a um equilíbrio sustentável.

Entretanto, ao conhecermos a terceira tendência que Amaral (2003, citado por Bagnolo 2019) identificou, conhecida como ecologismo radical, é nítida a ênfase dada à necessidade de uma completa transformação do sistema atual, “[...] A ciência e a técnica, assim como o capitalismo e suas formas de exploração, são as grandes culpadas pela crise que vivemos.” (Bagnolo, 2019, p.3).

Permanecendo nesse sentido, o pensamento crítico, sendo a última tendência, busca mostrar o meio ambiente considerando toda a sua composição, naturais, sociais, econômicas e culturais, Amaral (2003 citado por Bagnolo, 2019):

[...] consubstancia-se em um conjunto de diretrizes programáticas e metodológicas que procuram oferecer uma alternativa coerente e consistente às críticas e objeções que traz às demais tendências, comprometendo-se a revelar plena e autenticamente o ambiente em suas múltiplas facetas (Bagnolo *apud* Amaral 2003, p.10).

Por meio dessa visão crítica, observamos que o meio ambiente que nos cerca não é apenas o natural formado por ecossistemas, mas uma esfera que engloba toda estrutura da sociedade e que mudando apenas uma parte não será o suficiente para um relevante impacto, no que diz respeito ao cenário ambiental atual. Brügger (1993) aponta que a Educação para o meio ambiente envolve, além da conservação, uma transformação profunda de valores e uma nova visão de mundo, indo muito além de uma abordagem puramente conservacionista.

Diante da complexidade da crise ambiental atual e da diversidade de abordagens existentes na educação ambiental, torna-se essencial refletir criticamente sobre as práticas educativas desenvolvidas em diferentes contextos sociais, incluindo o setor empresarial. Embora a temática tenha sido amplamente estudada em contextos escolares e comunitários, há necessidade de mais estudos que investiguem como ela é vivida e ressignificada em espaços corporativos. Essa lacuna justifica a presente pesquisa.

A partir das discussões teóricas e históricas apresentadas, compreende-se que a educação ambiental não deve se limitar à transmissão de informações ou ao estímulo de comportamentos isolados, mas sim promover uma transformação crítica e ética nas relações entre sociedade e natureza. Nesse sentido, este estudo apresenta como objetivo geral: narrar e analisar as vivências da pesquisadora durante seu estágio curricular não obrigatório em uma empresa do ramo alimentício, buscando compreender como as práticas ali desenvolvidas dialogam com os pressupostos da educação ambiental e quais sentidos emergem dessa experiência formativa à luz de uma perspectiva reflexiva e transformadora.

Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a:

- Identificar as práticas de educação ambiental desenvolvidas no contexto empresarial, durante o estágio vivenciado pela autora.
- Analisar se há contradições entre discurso corporativo e práticas efetivas de sustentabilidade.

- Refletir sobre os sentidos formativos dessa experiência à luz da Educação Ambiental Crítica.
- Discutir como a vivência contribuiu para a formação pessoal, profissional e docente da pesquisadora.

2 METODOLOGIA

A - Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa surgiu no bojo do estágio curricular não-obrigatório realizado pela pesquisadora em uma empresa do ramo alimentício de Uberlândia - MG, cujo nome será mantido em sigilo garantindo o anonimato da empresa. O estágio ocorreu no período de 12 de novembro de 2024 a 01 de maio de 2025.

O que nos motivou foi a riqueza das experiências vivenciadas a partir do estágio curricular na empresa e das reflexões originadas a partir dessas experiências, no que diz respeito às ações desenvolvidas no âmbito da educação ambiental.

Por se tratarem de análises baseadas em vivências subjetivas, optamos pela pesquisa narrativa, o que caracteriza a pesquisa como um estudo de natureza qualitativa.

A pesquisa qualitativa é caracterizada, segundo Godoy (1995 citado por Neves, 1996), por conter dados dos quais a fonte direta é o ambiente natural e o pesquisador é o instrumento fundamental, além disso, a pesquisa deve conter um cunho descritivo e trazer, de certa forma, o significado, a interpretação de fatos ocorridos por meio da investigação. Assim, percebe-se, que se trata da investigação dos acontecimentos no contexto em que ocorreram, sem uma manipulação artificial, o investigador participa ativamente observando e interpretando a realidade ao seu redor, para que desse modo possa chegar ao sentido daqueles eventos.

B - Contexto e Sujeito Investigador

No âmbito das pesquisas qualitativas o presente trabalho se enquadra como uma pesquisa de natureza narrativa do tipo autobiográfica. De acordo com Marques e Satriano (2017) a pesquisa narrativa pode ser entendida como um encontro dos fenômenos que ocorrem externamente com o interior daquele que a narra, gerando como resultado uma “expressão de si e da realidade” (Marques e Satriano, 2017, p.372). Há, deste modo, uma perspectiva única,

singular, a qual somente será conhecida por outrem por meio da narração, seja ela oral ou textual.

Se tratando da pesquisa narrativa auto biográfica os autores elucidam que “o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura” (Marques e Satriano, 2017, p.373). A partir disso entendemos que o autor está imerso na experiência, ele viveu, sentiu, refletiu e então transmitiu o cenário vivido. Assim, não é revelado apenas os fatos, mas as percepções construídas pelo próprio autor, um envolvimento direto que permite acessar sua subjetividade.

C - Construção e Registro dos Dados

Os dados desta pesquisa foram construídos por meio de **anotações reflexivas realizadas ao longo do estágio curricular não obrigatório**, registradas em um diário de campo pessoal, no qual a pesquisadora expressava percepções, sentimentos, dificuldades e interpretações das ações desenvolvidas no contexto da empresa. Tais registros foram complementados, ao final do estágio, por reflexões retrospectivas que possibilitaram aprofundar o entendimento das experiências vividas à luz do referencial teórico da educação ambiental.

D - Procedimentos de Análise

As anotações reflexivas foram analisadas a partir de uma **abordagem crítica**, utilizando-se da **análise temática**, conforme proposta por Minayo (2001). Essa técnica possibilitou a identificação de sentidos e significados atribuídos às práticas vivenciadas, articulando-os às diferentes concepções de educação ambiental discutidas no referencial teórico. Segundo Rosa e Mackedanz (2021), a análise temática possibilita elaborar descrições mais minuciosas e diferenciadas acerca de um tema ou de um conjunto de temas no processo de análise dos dados. Assim, essa análise buscou compreender de que modo as experiências formativas da pesquisadora, enquanto estagiária, dialogam (ou não) com perspectivas transformadoras, conservadoras ou conservacionistas da educação ambiental.

E - Considerações Éticas

Em relação aos aspectos éticos, este estudo respeita os princípios da integridade na pesquisa acadêmica. Apesar de se tratar de uma narrativa autobiográfica, foi garantido o **anonimato da empresa** e de quaisquer colaboradores mencionados indiretamente. Nenhum

dado sensível foi divulgado, e as reflexões apresentadas têm caráter formativo e investigativo, sem julgamento ou exposição individual. Por tratar-se de uma pesquisa envolvendo apenas a autora como sujeito direto, **não se aplicam os critérios obrigatórios de submissão ao Comitê de Ética**, conforme normas da Resolução CNS nº 510/2016, mas todos os cuidados foram tomados no sentido da responsabilidade ética e profissional.

3 DESENVOLVIMENTO

A . Início e adaptação no estágio

O estágio aqui descrito foi realizado entre novembro de 2024 e maio de 2025, em uma empresa do ramo alimentício. Durante esse período, atuei como estagiária na área de meio ambiente. Ao iniciar a experiência, minhas expectativas eram um pouco diferentes da realidade encontrada. Imaginava que teria um contato mais direto com o meio ambiente natural ou, ao menos, com a parte laboratorial do setor, que também integrava as atividades ambientais da empresa. Além disso, esperava ser alocada em uma unidade específica, mas acabei sendo direcionada para outra, devido à necessidade de acompanhar alguns processos mais próximos à minha supervisora de estágio. Vale destacar que o setor ambiental atua de forma integrada nas duas unidades.

É importante observar, que o desejo de estar no setor de meio ambiente que me permitiria contato próximo da natureza, esbarra em uma visão simplista do que é ambiente, separando natureza de sociedade, isso leva as pessoas a acreditarem que a educação ambiental está relacionada apenas com o cuidado com os ambientes naturais. Essa visão se aproxima de uma tendência conservadora de educação ambiental. O que é refutado por Carvalho (2008): “A noção de ambiente como ‘meio natural’ é restrita e insuficiente. O ambiente deve ser entendido como espaço de interações, constituído por relações ecológicas e sociais, políticas, econômicas e culturais. A Educação Ambiental crítica trabalha com essa visão ampliada” (CARVALHO, 2008, p. 58).

Ou seja, o conceito de ambiente que a educação ambiental usa não é esse que se limita a “natureza” ou “meio físico” de forma isolada. Ele se refere a um espaço geográfico (território) que pode ser entendido e estudado em diferentes níveis, por exemplo, local, regional, nacional ou global, e onde acontecem as interações entre a sociedade e o ambiente natural (natureza). Assim, programas educativos fundamentados em paradigmas comportamentalistas e tecnocráticos, ao dissociar o ambiental do social e desconsiderar a historicidade da atividade

humana, podem resultar em uma compreensão idealizada e acrítica das causas e soluções dos problemas ambientais (Loureiro, 2003).

Quando se ignora a dimensão social e histórica e se reduz a educação ambiental a uma questão meramente técnica ou comportamental, instaura-se uma percepção limitada das problemáticas ambientais, na qual poucos reconhecem suas raízes sociais, políticas e históricas complexas. Nesse mesmo sentido, Guimarães (2013) defende que a EA deve superar a concepção restrita ao campo natural, integrando dimensões sociais, culturais e políticas.

Os primeiros dias de estágio foram dedicados à integração. Nessa etapa, fomos apresentados aos valores da empresa, aos diferentes setores e produtos, às normas internas, bem como aos protocolos de segurança do trabalho. Também participamos de uma pequena apresentação às instalações da unidade, pudemos conhecer, principalmente, os setores administrativos, o que contribuiu para um melhor entendimento do funcionamento da empresa. O ambiente nesse início foi bastante acolhedor, com momentos de interação em que podíamos fazer perguntas a respeito da empresa, sanar curiosidades, além de terem sido disponibilizados lanches aos novos integrantes.

A experiência de integração evidencia a importância da contextualização na educação ambiental, pois compreender os valores e protocolos da empresa permite ao estagiário perceber a dimensão prática das políticas ambientais, aproximando teoria e prática.

Nesse processo, também foram apresentadas as diversas premiações que a empresa recebeu, como as certificações ISO (International Organization for Standardization), LEED (Leadership in Energy and Environmental Design) entre outras especialmente no âmbito do meio ambiente. O que, num primeiro momento, pareceu apenas uma apresentação orgulhosa das ações ambientais desenvolvidas, revelou-se como uma prática valorizada internamente, que direciona normas e protocolos. Essa valorização das premiações se aproxima do que discutem Almeida Júnior e Gomes (2012), ao evidenciarem que a promoção de certificações, prêmios e reconhecimentos ambientais constitui parte de um sistema de comunicação empresarial. Este, é voltado mais à construção e manutenção de uma imagem socioambientalmente responsável, capaz de gerar confiança no consumidor, do que necessariamente à transformação efetiva dos processos produtivos (Almeida Junior, Gomes, 2012).

O gráfico abaixo do tripé da sustentabilidade empresarial (Kraemer, 2005). Ilustra a integração necessária entre os pilares ambiental, social e financeiro como base para um desenvolvimento sustentável efetivo. O verdadeiro compromisso com a sustentabilidade vai além da valorização simbólica e exige a transformação concreta dos processos produtivos, contemplando simultaneamente o cuidado com o planeta, a dignidade humana e a prosperidade

econômica. Assim, o tripé evidencia que a sustentabilidade empresarial não deve ser reduzida a uma estratégia de marketing, mas incorporada de forma equilibrada e prática no cotidiano das empresas.

Figura 1 - Tripé da sustentabilidade empresarial



Fonte: Kraemer 2005

B. Práticas de EA vivenciadas

No período de ambientação, também tive a oportunidade de acompanhar uma atividade voltada à verificação da presença de formigas que estavam atacando algumas plantas localizadas na área de reserva da empresa. Essa vivência despertou em mim uma forte identificação com a prática da Biologia, especialmente por proporcionar uma experiência direta em campo. Como ainda estava em processo de treinamento, esta ação se resumiu ao acompanhamento da intervenção realizada por outros servidores, mas reforçou o empenho da empresa no que diz respeito à preservação do equilíbrio na área sob sua responsabilidade. Com o passar do tempo, pude verificar que as preocupações e cuidados com essa área iam desde o manejo das formigas até a análise do volume de água consumido pela empresa e da quantidade posteriormente reutilizada.

Na segunda etapa do estágio, fui direcionada para a unidade onde permaneci durante todo o período do estágio, totalizando quase seis meses de vivência e aprendizado. Nessa etapa, além da supervisora que me acompanhou por todo o estágio, fui apresentada à equipe responsável pela atuação na unidade, incluindo os técnicos que realizavam os testes

laboratoriais da parte ambiental. Minha atuação ficou concentrada, principalmente, na área administrativa, apoiando os processos e atividades relacionadas à gestão ambiental.

Outro momento marcante foi a retirada dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), pois ali comecei a me sentir parte da empresa, foi entregue apenas a botina necessária para a atuação dentro da empresa. Colete e capacete já estavam à disposição no escritório, pois eram utilizados apenas quando visitávamos alguns setores da unidade. Após esse momento, fui conduzida para uma apresentação completa da unidade, que é considerada a matriz da empresa na cidade.

Ao longo da apresentação da linha de produção da fábrica, a supervisora foi me explicando os processos, os setores que ali havia e a partir de qual momento a equipe de meio ambiente atuava. Foi impressionante ver a velocidade e a eficiência das máquinas. Como o ser humano consegue construir equipamentos tão rápidos, capazes de produzir tantos produtos em tão poucos minutos?

Essa admiração inicial, porém, despertou reflexões sobre o modo como a técnica e a ciência moderna têm sido utilizadas para dominar e explorar a natureza. Essa denominada exploração, como mencionado anteriormente, iniciou-se desde os primórdios da humanidade para a sobrevivência, mas hoje podemos observar que a motivação não é mais apenas essa, a cada dia vemos a criação de produtos que pela ótica da necessidade são classificados como supérfluos: “Ao trabalhar, o Homem transforma a Natureza em produtos que satisfazem as necessidades da vida: necessidades do “estômago ou da fantasia” (PEDROSA, 2008, p. 33-34).

A insaciável ambição do ser humano de sempre querer mais, o fez criar máquinas que produzam de forma incansável, já que o mesmo começou a não ser o suficiente nesse produtivismo: “[...] criar coisas produtoras de coisas: visando à liberdade superior, o homem começou a criar ferramentas de trabalho.” (PEDROSA, 2008, p. 35). Agora, assim como controla os recursos ambientais, o homem controla máquinas, objetos esses que satisfazem demandas que um indivíduo não suporta e permitem que a pausa não precise existir.

Posteriormente, acompanhei a integração de prestadores de serviços terceirizados, cujas empresas atuavam nas dependências da organização (como exemplo, as empresas responsáveis por processos de reciclagem e manutenção). Essa integração é um treinamento obrigatório realizado por determinados setores, com o objetivo de assegurar que os profissionais externos estejam cientes das normas, valores e diretrizes da empresa.

A partir dessa experiência, passei a ser a responsável, no âmbito do setor ambiental, por conduzir esses treinamentos. Neles, eram abordadas questões fundamentais relacionadas à atuação da empresa, com ênfase nas políticas ambientais e práticas sustentáveis, destacando-se,

entre outros temas, a gestão adequada de resíduos e os procedimentos de reciclagem, com especial destaque para os resíduos sólidos, área pela qual fiquei responsável.

Recebi alguns documentos para leitura, por meio dos quais pude compreender o fluxo dos resíduos, desde a saída da linha de produção até a área destinada ao seu armazenamento. Além disso, foi possível entender o processo de recolhimento dos materiais na área de armazenamento realizado pelas empresas responsáveis pela reciclagem identificando quais eram essas empresas e como deveria ocorrer esse processo e as documentações necessárias. A questão da reciclagem era fortemente cobrada dentro da empresa, uma vez que, devido à elevada quantidade de resíduos gerados, era necessário manter um índice significativo de reciclagem e destinação correta desses materiais.

Quando os padrões da política ambiental da empresa não eram atendidos, havia intervenções específicas. Por esse motivo, fui direcionada a realizar uma visita a um setor com dificuldades em realizar a separação correta dos resíduos, a fim de verificar a situação e registrar imagens. Posteriormente, deveria elaborar uma capacitação para os colaboradores daquele setor, com foco nas práticas adequadas de separação, descarte e reciclagem de resíduos, o que, infelizmente, até o momento de minha saída não havia sido realizado devido a outras demandas.

Logo apareceram desafios, percebi que devido a esta ser minha primeira experiência em uma empresa desse porte, e nessa área, eu sabia muito pouco. Novas atividades em sistemas desconhecidos para mim até o momento iam sendo atribuídas. Era tudo muito desafiador, mas isso me levou a aprender a lidar com ferramentas que antes eram desconhecidas para mim.

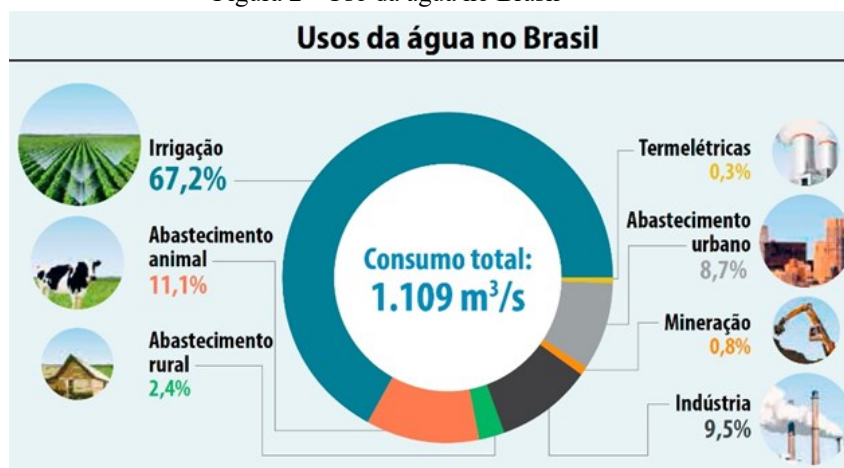
Com o tempo, fui imergindo na cultura da empresa, e me via prestando atenção na separação de resíduos, na quantidade de coletores mesmo fora do estágio. Mais adiante, tive a oportunidade de visitar uma empresa de coleta de resíduos perigosos e orgânicos, além de outras voltadas à reciclagem de plásticos e madeira. Por meio dessas visitas, eu fui adquirindo uma visão mais ampla do processo, o que despertava ainda mais meu interesse.

A medida que conhecia, mais ficava admirada com a quantidade de ações ambientais e a empresa possui: - kits de emergência ambiental para vazamentos de óleo e produtos químicos, neles havia turfa, cordões absorventes, pá anti-faísca, EPIs como luvas, máscaras, botas; - reuso de água na empresa; - severo cuidado com o descarte de resíduos; - reutilização e conserto antes de adquirir algo novo; - análise das empresas responsáveis pela coleta de resíduos para verificar a situação ambiental; - fiscalizações mensais do departamento de meio ambiente dentro da organização com o objetivo de acompanhar o andamento das questões ambientais, entre outras ações que não mencionaremos aqui, para garantir o sigilo da empresa.

C. Contradições e limites da EA corporativa

Uma das minhas experiências no estágio, que acredito ser válido mencionar, foi o planejamento e a realização da semana da água. Esse evento demandou meses de preparação de publicações voltadas ao tema de conservação desse recurso e elaboração de jogos, com os quais tínhamos uma atenção redobrada na escolha dos materiais, pois todos deveriam ser recicláveis ou de alguma forma reutilizados. O objetivo era apresentar aos colaboradores as ações da empresa em relação ao consumo consciente da água e como isso poderia ser feito em casa. Porém, pode observar-se por meio do gráfico abaixo que o abastecimento urbano está entre os que menos consomem água no Brasil, ou seja, é questionável se somente a mudança na quantidade de água utilizada nas casas seria suficiente para um verdadeiro impacto na redução do consumo desse recurso natural.

Figura 2 - Uso da água no Brasil



Fonte: Senado Federal (2018)

Pude estar, também, em ações que ocorrem nas escolas para coleta de resíduos. Essa última ação em específico, tem a adesão de algumas escolas de Uberlândia, e apresentada pela empresa com muito orgulho. No entanto, essa prática suscita algumas reflexões: é possível perceber que muitos programas de educação ambiental escolares acabam sendo bastante superficiais, focando apenas na coleta seletiva de lixo e deixando de lado uma análise mais ampla sobre questões como os hábitos de consumo, a influência da indústria, o modelo econômico vigente e as implicações sociais e políticas do lixo (Layrargues, 2002).

Nesse sentido, observa-se que tais iniciativas, promovidas por empresas, podem reproduzir uma forma de educação ambiental adestradora, alinhada a interesses corporativos, na medida em que direcionam os temas e metodologias. Assim, ainda que essas organizações ofereçam recursos, podem reforçar a dependência das escolas em relação às empresas e moldar

a educação ambiental, afastando-a da promoção de uma consciência crítica e da transformação social (Loureiro, Lima, 2012).

Logo, esses estudantes não terão acesso à dimensão efetiva da problemática que deveria ser abordada; ao contrário, são instruídos, desde muito cedo, a acreditar que a solução se limita, por exemplo, à correta separação dos resíduos para reciclagem.

D. Emergência do pensamento crítico

Eu não demorei para me pegar falando como pertencente à empresa, e me sentindo orgulhosa de trabalhar ali apesar dos desafios. Quando soube das certificações ambientais adquiridas, minha primeira leitura foi a de que havia um real interesse em minimizar os impactos ambientais, por parte das empresas que conquistaram essa certificação.

Por outro lado, conforme iam passando as semanas eu sentia a pressão desse ambiente de produção incessável, a necessidade de gerir o tempo de modo a entregar tudo o mais rápido possível, batendo metas, e seguindo à risca os protocolos. Isso, somado à minha rotina que estava extremamente corrida, trouxe uma série de impactos de ordem emocional e psicológica.

Enquanto isso, na faculdade, estava discutindo com minha orientadora a respeito de qual tema seria o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), levei a ela essas ações que eu observei na empresa e comentei que gostaria de fazer algo sobre a educação ambiental. Assim, a mesma me enviou textos para que por meio deles eu pudesse ter maior clareza do que desejava escrever.

Ao iniciar a leitura de um texto em específico chamado “O cinismo da Reciclagem” escrito por Philippe Pomier Layrargues, já me senti em confronto com a realidade que me permeava todos os dias no estágio. Segundo ele, essa prática, embora amplamente divulgada como solução ambiental, acaba por ocultar a verdadeira raiz do problema: o consumismo exacerbado. Assim, a reciclagem, em vez de representar uma transformação efetiva no modelo de produção e consumo, torna-se uma estratégia temporária que mascara os impactos ambientais.

Esse primeiro contato com os princípios da educação ambiental crítica, presentes no texto de Layrargues, provocou em mim uma mudança significativa na forma de compreender a reciclagem. A partir dessa leitura, passei a questionar até que ponto essa prática realmente contribui para a resolução dos problemas ambientais. Quais são, de fato, seus limites? Seria a reciclagem apenas uma estratégia para perpetuar o atual modelo de produção e consumo?. Como dito por Layrargues (2002) “Recicla-se para não se reduzir o consumo.” (Layrargues, 2002, p. 6). Observei que apesar das práticas ambientais bem estruturadas da empresa, no

contexto corporativo a lógica produtivista permanece atuando, não há de fato ações a respeito da produção desenfreada.

Um tempo depois, eu e minha orientadora tivemos uma reunião na qual conversamos a respeito e minha mente foi se abrindo. De certo modo, essa reflexão me levou a perder um pouco daquele encantamento na qual me encontrava. Entendi que a lógica produtivista não tem como foco reutilizar e reduzir, pois como o próprio nome nos indica, a intenção é produzir cada vez mais. Layrargues diz que “O discurso ecológico oficial valorizou o R da reciclagem em detrimento dos demais para torná-la um ato ecológico, retirando de cena sua função social.” (Layrargues, 2002, p.14). Nesse sentido as práticas ambientais dentro da empresa acabam por enfrentar contradições, pois não existe uma real intenção de minimizar os resíduos e assim os impactos ambientais, para esse feito o modo e a intensidade da produção teria que sofrer uma mudança. Pelo contrário, constantemente há o incentivo, por meio das estratégias de marketing para que haja um consumo ainda maior de produtos. Como diz Brügger (1993), a problemática ambiental sempre se relacionou, inevitavelmente, a aspectos econômicos, políticos e culturais.

Algumas semanas após essas reflexões, diante das dificuldades em conciliar as diversas atividades que eu desempenhava, somadas a questões psicológicas e à percepção de que aquele não era o ambiente no qual desejava construir minha carreira, decidi me organizar para encerrar o estágio e assim o fiz.

E. Impactos da experiência formativa

Nesse período de estágio, apesar dos momentos difíceis que constantemente me desafiavam psicologicamente, pude vivenciar ações ambientais como as fiscalizações mensais, as visitas técnicas a empresas do ramo ambiental, que me fizeram construir um olhar crítico sobre as práticas sustentáveis que tanto ouvimos falar. Assim, hoje vejo claramente a tensão entre as ações sustentáveis implementadas e a lógica produtivista, que limita práticas verdadeiramente transformadoras.

Essa contradição evidencia um discurso ambiental fortemente alinhado à sustentabilidade fraca, que apenas oferece ações paliativas, mas que não resolvem o problema real, do que a sustentabilidade crítica.

É interessante salientar, o quanto o contato com autores como Layrargues, Loureiro e Guimarães influenciou minha interpretação crítica da experiência que ali tive. É notável então, como a teoria é importante para a ressignificação da prática e para a consolidação de uma consciência ambiental mais complexa.

Essa vivência no estágio me direcionou à compreensão de que a EA vai além da gestão ambiental técnica, ela deve ir mais profundo, de maneira que forme sujeitos reflexivos e transformadores. Além disso, nesse tempo, a forma como imaginava minha trajetória profissional começou a mudar, percebi que o ambiente empresarial/industrial não era onde gostaria de iniciar ou continuar minha carreira. Minha mente se abriu de forma que entendi que não preciso seguir o que seria considerado pela sociedade o mais benéfico profissionalmente falando, mas aquilo que está de acordo com meus valores e que não me adoça psicologicamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o presente estudo com o objetivo de narrar e analisar as vivências da pesquisadora durante o estágio curricular não obrigatório em uma empresa do ramo alimentício, buscando compreender como as práticas ali desenvolvidas dialogam com os pressupostos da educação ambiental e quais sentidos emergem dessa experiência formativa sob uma perspectiva reflexiva e transformadora. Constatou-se que os objetivos delineados foram efetivamente cumpridos, resultando em reflexões que ampliam a compreensão sobre EA, especialmente aquela desenvolvida no contexto empresarial.

Ao longo dessa trajetória, adquiri um conjunto de saberes técnicos os quais contribuíram sobremaneira para minha formação profissional. Além disso, também pude desenvolver reflexões e compreender de forma mais concreta o sentido da EA crítica, seu potencial transformador e sua importância, além de entender que a educação ambiental deve englobar toda a composição do meio ambiente, o âmbito natural, social, cultural e econômico.

Ao revisitar essas vivências à luz do referencial teórico, foi possível perceber que práticas tidas inicialmente como exemplares, como a reciclagem e a gestão de resíduos, podem, por vezes, reforçar um modelo reducionista de EA, centrado na responsabilização individual e na resolução técnica dos problemas, em detrimento de uma abordagem crítica e transformadora. Ademais, a experiência permitiu-me observar que por mais que o setor ambiental tente mitigar, os impactos ambientais permanecem altos devido a uma produção e um padrão de consumo que raramente sofrem interrupções.

Esses conhecimentos ampliam a visão crítica e técnica sobre a gestão ambiental, a qual é fundamental para a formação docente nas Ciências Biológicas e ainda mais para o campo da educação ambiental. No entanto, é essencial que aconteçam futuras investigações sobre a

aplicação da EA crítica e comprometida com a transformação das estruturas sociais que sustentam o modelo de produção e consumo vigente, nesse e em outros contextos, como em escolas, faculdades, hospitais e demais setores que operam em toda a sociedade.

Encerrar essa etapa da pesquisa é também reconhecer que o estágio curricular alinhado à pesquisa narrativa, se constituíram como um potente espaço de formação acadêmica, pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, A. R. de.; GOMES, H. L. R. M. dos. **Gestão ambiental e interesses corporativos: imagem ambiental ou novas relações com o ambiente?**. Ambiente & Sociedade, v. 15, n. 1, p. 157–177, jan. 2012.

BAGNOLO, C. M. **Educação ambiental: a teoria, a prática e a universidade**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 39, n. 108, p. 203–220, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/download/9185/4625/>.

BRASIL. **Lei 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm

BRASIL. **Relatório da Delegação do Brasil à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano** – Estocolmo, 1972: Volume I. São Paulo: Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB, 2013. Disponível em: https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wp-content/uploads/sites/36/2013/12/estocolmo_72_Volume_I.pdf

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis (SC): Letras Contemporâneas, 1994.

CARVALHO, I. C. M. de. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, M. **Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual**. Margens, v. 7, n. 9, p. 11–22, set. 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767/2898>.

HABIB, M. **Ambiente e sociedade na agenda da educação**. Ciências em Foco, Campinas, SP, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9181>.

IPCC – PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Sumário para formuladores de políticas. In: _____. **Aquecimento global de 1,5°C: relatório especial sobre os impactos do aquecimento global de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais e respectivas trajetórias de emissão de gases de efeito estufa, no contexto do fortalecimento da resposta global à ameaça da mudança do clima, do desenvolvimento sustentável e dos esforços para erradicar a pobreza**. Tradução: MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Apoio: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Brasília: MCTIC, jul. 2019. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/2/2019/09/SR15_SPM_Portuguese.pdf.

KRAEMER, M. E. P. **Responsabilidade Social: uma alavanca para a sustentabilidade**. Revista Banas Qualidade, 2005.

LAYRARGUES, P.P. **O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental**. In: LOUREIRO, C. F. B.;

LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179–219.

LIMA, G. F. C. **Formação e dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades e desafios**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP, 2005.

LOUREIRO, C. F. B. **Premissas teóricas para uma Educação Ambiental transformadora**. Ambiente & Educação (FURG), Rio Grande, v. 8, p. 37-54, 2003. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>

LOUREIRO, C. F. B.; LIMA, M. J. G. S. de. **A hegemonia do discurso empresarial de sustentabilidade nos projetos de educação ambiental no contexto escolar: nova estratégia do capital**. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 280–294, ago./dez. 2012. DOI: 10.20500/rec.v7i14.1672.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369–386, jun./set. 2017.

MINAYO, M.C. S. de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2º sem. 1996.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>.

PEDROSA, J. G. **A Natureza, o Capital e o Trabalho: Educação Ambiental e crítica social**. Pesquisa em Educação Ambiental, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 2, p. 25–48, 2008

PENSAMENTO VERDE. Relação entre revolução ambiental e meio ambiente. Pensamento Verde, 6 out. 2014. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/relacao-entre-revolucao-ambiental-e-meio-ambiente/>

ROSA, F. C.; MACKEDANZ, L. F. **Análise temática como procedimento analítico alternativo na pesquisa qualitativa**. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 16, n. 1, p. 358–382, 2021. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>

SENADO FEDERAL. **Em busca de um novo modelo de gestão para o uso da água**. Agência Senado/Da Redação, 13 mar. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/em-busca-de-um-novo-modelo-de-gestao-para-o-uso-da-agua/em-busca-de-um-novo-modelo-de-gestao-para-o-uso-da-agua>.

UNESCO. **What you need to know about education for sustainable development**, [2024]. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/sustainable-development/education/need-know>. Acesso em: 13 ago. 2025.

UNESCO; UNEP. **Declaração de Tbilisi sobre Educação Ambiental**. Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, Tbilisi, Geórgia (URSS), 14–26 out. 1977. Disponível em: <https://www.gdrc.org/uem/ee/tbilisi.html>.

WWF - World Wide Fund For Nature. **RELATÓRIO PLANETA VIVO 2024** – Um Sistema em Perigo. 2024, Gland, Suíça. Disponível em: https://wwflpr.awsassets.panda.org/downloads/relatorio-planeta-vivo-2024_1.pdf